

Raduan e Hatoum em contraponto

Em *Lavoura Arcaica* e *Relato de um certo Oriente*, os dois autores criam narrativas sobre imigrantes árabes em que indagam sobre o tempo e a memória. Na busca da origem por meio da escrita, constroem uma linguagem particular que os aproxima e também os distancia

POR **FRANCINE IEGELSKI**

Na literatura brasileira, há um número significativo de livros que trazem em suas narrativas personagens árabes, ou turcos, como são vulgarmente chamados. A palavra turco se tornou a maneira encontrada por muitas pessoas no Brasil para se referir aos imigrantes árabes, pois os turcos dominaram por séculos a região do Oriente Próximo. Ao falar do imigrante árabe em seus romances, muitos escritores brasileiros usam a imagem do comerciante que tem uma lojinha repleta de bugigangas e produtos baratos, onde o comerciante faz qualquer negócio para vender sua mercadoria. Entretanto, os romances *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, e *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, nos apresentam outras dimensões que quebram este lugar-comum deixado para os imigrantes árabes no Brasil.

Mas, afinal, o que haveria de comum na escrita de Nassar e Hatoum? Poderíamos aproximá-los pelo fato da composição de suas narrativas construírem personagens que são imigrantes árabes, tendo re-

lação com um certo oriente. Ou pelo fato deles próprios serem descendentes de imigrantes libaneses que vieram para o Brasil no início do século XX. Todavia, este não nos parece ser um caminho frutífero para compreender as obras destes dois autores. Pois a questão da imigração e da cultura árabe, por si só, não é o que constitui o que Walter Benjamin chamaria de “o mistério” destes dois romances.

Este tal mistério é o princípio vital da obra, o motor interno que gera a sua crítica. Falaremos, pois, do que consideramos ser este motor interno dentro do *Lavoura* e dentro do *Relato*, que são as indagações que os autores armam em torno do tempo e da memória, respectivamente.

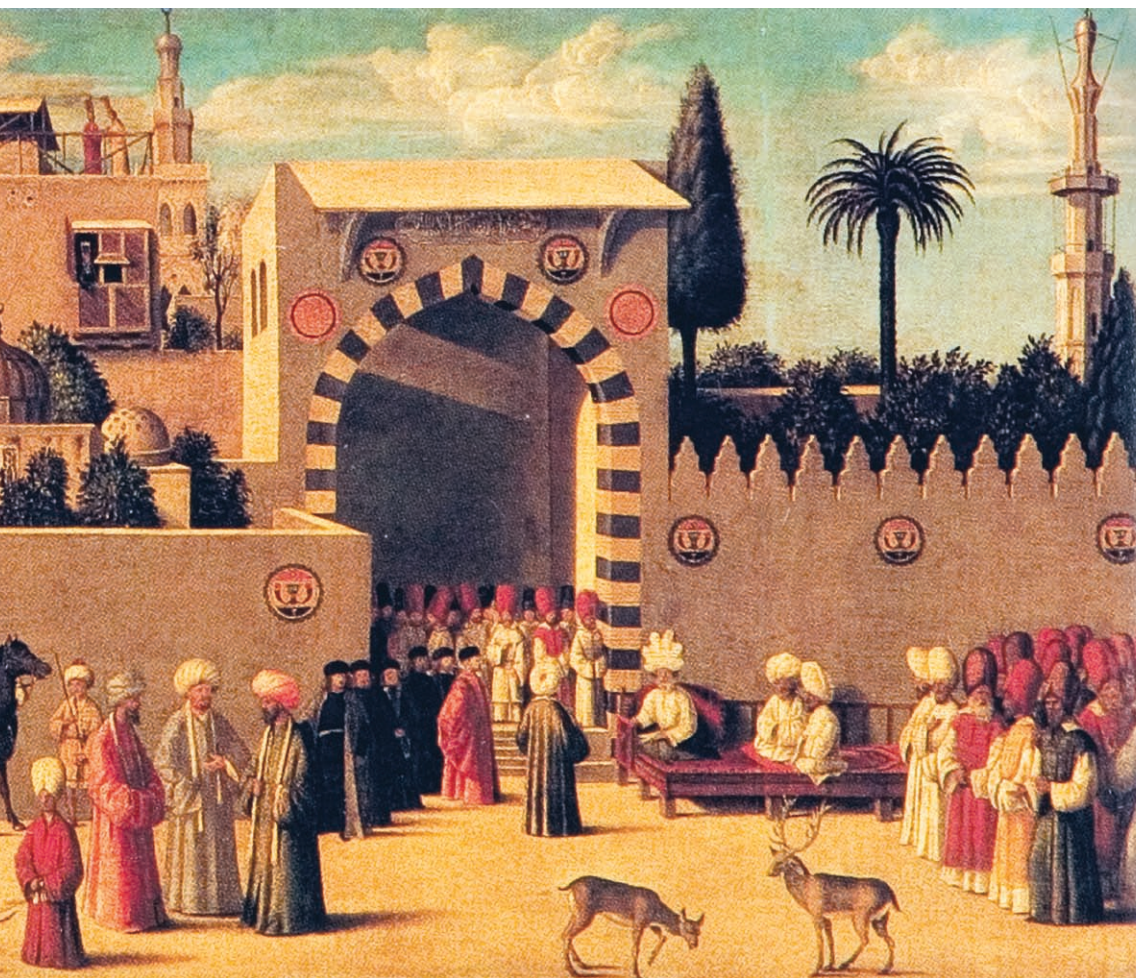
O núcleo familiar em que se desencaideia a trama de *Lavoura Arcaica* é de imigrantes árabes do Líbano para o Brasil. O livro é dividido em duas partes: a primeira *A partida*; e a segunda *O retorno*. Esta divisão corresponde à temática e inversão que Nassar faz da história bíblica do filho que deixa a casa e retorna, a parábola do filho pródigo. É, aliás, com temas bíblicos, co-



rânicos e pela tradição clássica mediterrânea que Nassar compõe seu enredo e a trama do romance. Contudo, estes temas e a própria trama ganham sentidos reversos, quando as personagens têm outro destino no final da narrativa, exatamente no motivo da saída e no retorno do filho que deixara a casa.

Raduan Nassar utiliza-se fartamente dos recursos poéticos para compor a fala do personagem narrador, André. Contudo, a bela expressão lírica que André faz da sua inconformidade não muda o desenlace de suas ações. Esta é uma questão que queremos deixar evidente. *Lavoura* mostra a incongruência entre a beleza das palavras e o desastre das ações humanas levadas ao individualismo extremo.

A sua revolta nasce perante uma condição que ele considera absurda, em que a igualdade aparente de todos os membros da família oculta as grandes desigualdades entre eles e a opressão do discurso da tradição (encarnado pelas palavras do pai, Iohána). André nega o homem, a moral e Deus, não exatamente a existência deste



MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Reception of the Ambassadors
(1488), obra de veneziano
anônimo

último, mas sim o seu poder de transcendência, em nome do instinto sexual, no qual o impulso decreta a posse integral dos seres a troco da sua destruição.

Este conflito entre indivíduo, leis e sociedade compõe os conflitos do próprio personagem narrador. *Lavoura* fala do problema da integração entre o indivíduo e a sociedade, em que a particularidade das vontades e das dores de André não consegue coexistir com o mundo em que ele vive. O personagem busca a integração, o seu lugar na mesa da família, justamente por meio do que a destruiria, o amor incestuoso entre ele e Ana, sua irmã.

Às ambigüidades das palavras de André confrontadas com suas atitudes somam-se as ambigüidades do tempo construídas na narrativa. Neste confronto podemos explorar no texto o trabalho que Raduan Nassar realiza entre o que poderíamos chamar de aventura romântica e destino trágico no *Lavoura*.

A aventura romântica é o conflito apresentado pelas palavras entre a busca pela experiência e a vivência do acaso, o ímpeto

de sair a campo e transformar sua história e seu entendimento do mundo. O destino trágico é a vivência de uma história prefigurada, escrita antes mesmo da personagem tomar ciência dela, em que o destino impera sobre a vontade. Assim, na aventura romântica, o tempo é o tempo que se abre aos acasos e ações humanas. E no destino trágico, o tempo trava seus ponteiros, deixando de existir, acontecendo à parte da história; ou confunde-se com o tempo mítico (da tradição milenar da costa pobre do Mediterrâneo), que é aquele em que o destino retorna, num tempo cíclico. Quando André resolve conduzir a sua história, o seu tempo é o da aventura; mas quando o mundo lhe diz não, o tempo se torna aquele já marcado pelo destino das coisas, que retorna como uma maldição, num ciclo repetitivo.

O tempo do destino e da aventura é um tempo constituído pela palavra. A busca de André é compor tempo e palavra “como gêmeos com as mesmas costas”, pela narrativa. Esta busca tenta fundir palavra e coisa, sentido e sentimento, mas sabe do

perigo que corre, sabe da impossibilidade de levar até o fim este projeto. A palavra, senhora do tempo, verbo oleoso, reúne a lucidez e o delírio de André. Esta palavra nasce no lodo, no charco, no lugar daqueles que não têm lugar. O tempo na palavra do narrador é o tempo que quer explodir, corroer o mundo que produziu o fosso onde o relegado sente-se jogado. Pois, para André, àqueles que não ganham do mundo o seu quinhão restam duas alternativas: dar as costas a tudo ou alimentar uma expectativa de destruição deste mundo.

É o tempo na narrativa de Nassar que não se deixa capturar, parecendo indicar algo numa das partes do romance que em outras páginas se desfaz, apontando possibilidades de interpretação e sendo a principal mola para dissolvê-las. O romance é constituído por vários tempos num mesmo tempo e também vários tempos que parecem não se conciliar, senão por um final destruidor. A falta de síntese entre os tempos, ou o tempo no *Lavoura*, fala sobretudo da condição do homem, em que o conflito das diferenças, a violência,

A ascendência de Nassar e Hatoum os aproxima e os distancia. Cada um utiliza a linguagem ao seu modo, mas ambos atualizam o presente em que vivemos

a imposição de uma tradição e, o outro lado da moeda, o individualismo, põem em xeque a existência da própria humanidade, as suas instituições e a viabilidade da sua reprodução.

Nassar semeia as palavras para compor o tempo da narrativa, que é múltiplo. A história e a temporalidade estão concentradas na própria narrativa de André, onde os dramas, conflitos e percepções humanas constituem a marca da própria linguagem. A busca pela escrita do tempo é uma atividade arcaica, uma lavoura arcaica, da qual os homens se ocupam há milênios.

No *Relato de um certo Oriente* as histórias sobre a família imigrante árabe em Manaus falam das possibilidades e das dificuldades do trabalho com a memória, das tensões e da convivência de culturas, religiões, línguas, lugares, sentimentos e sentidos diferentes das personagens em relação ao mundo. A casa de Emilie, matriarca da família na narrativa do *Relato*, é um microcosmo onde estas tensões aparecem e são vividas cotidianamente. A narrativa é feita pela filha adotiva de Emilie que volta a Manaus depois de uma longa ausência. Escrevendo para seu irmão, que está em Barcelona, o texto é também uma carta-narrativa com um destinatário que o leitor mesmo desconhece. O retorno à casa abandonada traz à memória da narradora as experiências de um outro tempo, o da infância; e de um outro espaço, Manaus quando todos que conhecia viviam ali.

O romance, em sua estrutura e estratégia de composição, parece transitar e oscilar entre o que Walter Benjamin chamaria de narração – em que a figura do narrador é extremamente importante e o relato é feito principalmente com base nas tradições orais, como uma tentativa de rememoração das experiências coletivas do passado – e o romance, que apareceria como um gênero literário decorrente das transformações da sociedade capitalista, que destrói cada vez mais a possibilidade que a experiência comum viva e se revele no relato dos narradores. Para Benjamin, a verdadeira narração toma sua fonte de



Cena do filme *Lavoura Arcaica*, de Luiz Fernando Carvalho

uma experiência coletiva, obtida por uma memória comum, que se transmite de geração a geração. O romance mostra que o refúgio da memória é a interioridade do indivíduo, reduzido e isolado na sua própria história, quase que incomunicável com outro mundo que não seja o dele.

O *Relato* parece buscar a narrativa de uma experiência em comum deparando, a todo momento, com a impossibilidade de narrar, pois a memória já não é coletiva e os sentidos e sentimentos sobre o passado não são partilhados pelos seus personagens. Tudo recai sobre a vivência e a impressão de uma pessoa solitária, que se perde em uma profusão de vozes no texto. É a narradora quem diz no final de seu relato: “restava então recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes”.

A melancolia é uma categoria de interpretação de obras literárias que tem sido utilizada atualmente pela crítica literária como uma abordagem para entender, por exemplo, como os impactos dos acontecimentos do mundo contemporâneo têm sido apreendidos e elaborados pelos escritores em suas obras. A melancolia se constitui numa interação de duplicidades, que alterna estados de tristeza e euforia profundas. O melancólico é o prisioneiro de

uma idealização do tempo passado, e o seu sofrimento provém da consciência demasiado aguçada de sua situação. Segundo Susana Kampff Lages, estudiosa das relações entre melancolia e tradução, “o ideal do melancólico é o de eliminar as marcas do tempo, congelá-lo na eternidade de um presente que incluisse em si as outras duas dimensões temporais [o passado e o futuro], sem o sofrimento decorrente do reconhecimento dessa impossibilidade e da realidade inquestionável da separação”.

No *Relato*, existe uma íntima ligação entre memória e melancolia que torna possível a busca por um passado e a consciência da impossibilidade de seqüestrar esse passado inventado pela memória, pois a personagem-narradora (do mundo fictício) e a elaboração da obra (feita no mundo não-fictício) aparecem, ambas, lúcidas e autoconscientes de suas limitações de alcançar este passado. Lançar-se na busca do passado sabendo ser impossível alcançá-lo faz com que a própria narrativa tenha combinados o melancólico e o irônico.

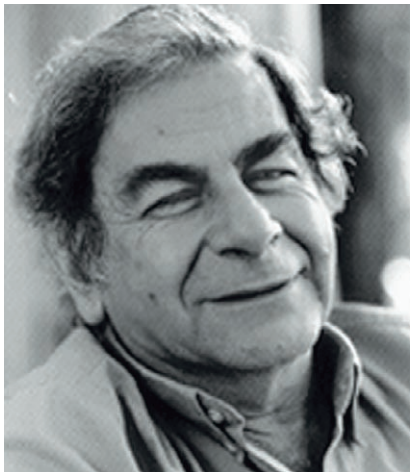
O *Relato* partira de um pedido do irmão à narradora, para saber como ficaria o mundo que fora o tempo e o espaço de sua infância, a cidade de Manaus. O relato é feito para contar a morte de Emilie, a personagem que dava o tom da existência

mais concreta deste passado. Se é possível que o passado tenha sido inventado pela memória, parece ser possível também que a memória tenha se constituído pelas experiências habitadas neste passado. As lacunas do esquecimento e da hesitação também fazem parte da narrativa e do ponto “cego”, em que certos enigmas nunca podem ser desvendados por completo, como a vida de Samara Delia, filha de Emilie que engravida na adolescência e que permanece um enigma do começo ao fim da narrativa. Capturar o passado, “uma mão transparente” que acena e gravita por tempos e lugares desconhecidos, para a narradora que buscara ironicamente “enfrenhar-se na realidade”, é uma tentativa frustrada pelos reveses e pela constituição própria da memória, que inventa este passado e é inventada por ele, donde lembrar/esquecer faz também parte de um mesmo movimento.

A função da memória das experiências no relato do narrador, segundo Walter Benjamin, era rememorar e dar sentido a um passado comumente partilhado pelas pessoas que experimentaram este passado, ou que fizeram parte da comunidade e participaram deste passado pela narração da memória daquelas experiências. No *Relato*, a memória das experiências cai em ruína, pois o tempo em que a narrativa é elaborada, o tempo do presente, não possibilita que a memória desta experiência sobreviva em forma de narração.

Desta maneira, parece que a narrativa que tenta falar desta natureza da memória – como as experiências vividas pela narradora e seu irmão na infância dentro da família de Emilie, na cidade de Manaus – assume, então, a sua ruína em perspectiva ironicamente melancólica.

Qual o viajante e o estrangeiro, ou o migrante, que olha o outro mundo, a outra cultura e a outra língua em contraponto com aquilo que poderíamos chamar o seu próprio universo de origem, uma análise literária pode também partir da idéia de confrontações de dimensões distintas, de universos compostos pelos autores através da escrita, partindo de uma análise em contraponto. Esta é uma idéia defendida por Edward Said no livro *Reflexões sobre o exílio*. É também o que propomos para a



O escritor Milton Hatoum (acima), autor de *Relato de um certo Oriente*; Raduan Nassar, autor de *Lavoura Arcaica*

compreensão dos dois romances trabalhados neste artigo. Entender *Lavoura* e *Relato* um em contraponto ao outro, a partir justamente daquilo que esboçamos anteriormente, do motor interno que gera a sua própria crítica, ou seja, as idéias de tempo e memória construídas pela narrativa dos respectivos escritores.

Lavoura aponta para a idéia de que o tempo se constitui pela experiência e expectativa de cada personagem, sobretudo do personagem narrador, que escreve a história. *Relato* fala da constituição própria da memória e da sua escrita, que procura o passado e já sabe do fracasso desta busca, ou do resgate integral deste passado; pois para que o passado sobrevivesse em forma de narração seria preciso que o tempo de agora não dissolvesse a experiência comum, jogando a memória para

a interioridade do indivíduo. Estas idéias postas em contraponto também convergem como índice da contemporaneidade, do homem dentro do mundo capitalista. Ao escrevermos sobre a realidade na qual vivemos, deparamo-nos a todo o momento com estes problemas.

Talvez a principal origem que possamos apontar em comum entre estes dois escritores seja justamente o trabalho que Nassar e Hatoum empreendem na linguagem. Para Walter Benjamin é pela linguagem que “remontamos” à origem, é ela que concentra em germe a própria história. É através da linguagem como origem que a experiência e a memória da experiência traduzem-se e se atualizam no presente. A linguagem, como a ascendência oriental destes dois autores, os aproxima e os distancia simultaneamente. Pois ao mesmo tempo em que são distintas, pela sintaxe, pelo uso dos recursos poéticos e pela utilização do sentido, ou do rumo, de cada texto; estas linguagens se aproximam justamente por atualizarem o presente em que vivemos, ou, nas palavras de Octavio Paz, elas “decifram o universo somente para cifrá-lo de novo”.

Afastando-nos, assim, da idéia de que a literatura composta por Nassar e Hatoum possa ser facilmente identificada uma a outra por sua temática relacionada à imigração árabe, ao exotismo de relações híbridas do ocidente e de um tal oriente, os escritores nos oferecem um material de reflexão mais profundo sobre estas mesmas questões. Se fizéssemos a aproximação destes dois autores unicamente pelo que seria mais evidente aproximá-los, como os temas orientais, as referências às palavras, à cultura, às diferentes religiões, aos objetos e às danças árabes, estaríamos, ao nosso ver, afastando-nos do que no *Lavoura* e no *Relato* constituem a sua particularidade e força próprias. Essa sem dúvida é uma comparação possível (e que já foi feita) entre estes dois autores, mas é necessário construir um meio de aproximação mediador destes temas “híbridos”, que é a relação entre o mundo árabe e o mundo ocidental, particularmente brasileiro. Este entremeio nos parece ser a linguagem e as formas diferentes que cada autor tem de buscar na escrita a sua origem.